

RESENHA: PEDAGOGIA PROFANA

Michele Porfírio da Silva¹

Recebido em: 03 jan. 2015

Aceito em: 10 jun. 2015

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4^a ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2001. 208p

O livro escrito por Jorge Larrosa, *Pedagogia Profana*, faz um resgate de suas obras que foram publicadas entre 1994 e 1998. O livro consiste três partes abordando várias facetas profanas da realidade que a pedagogia tende a tornar sagradas, tratando de forma desafiadora e audaciosa, iniciando pelo título da obra e assim nas entrelinhas do livro. A obra elabora um texto intertextual onde a interpretação é posta não como um dado a ser extraído de seu discurso, mas como uma construção pessoal do leitor.

Larrosa busca argumentos para relatar a maneira que ele encara a pedagogia, aborda termos como experiência e liberdade, de maneira a colocar o leitor a pensar, navegando em sua obra na companhia de escritores como: Rousseau, Rilke, Peter Handke, Pirandello, J. Lezama., onde a intertextualidade e a interdisciplinaridade são os métodos adotados para relatar sobre os valores que constroem o indivíduo, apresentados ao educando na biblioteca muito mais do que na sala de aula.

Passando pelas páginas da obra, nos deparamos com a primeira sessão que recebe o nome de “Como se torna a ser o que se é”. Nela o autor faz uma análise sobre as Confissões de Rousseau, um texto que abre espaço para a compreensão sobre a identidade do ser humano que vai de encontro a consciência de seu lugar no mundo e de como se dá a aquisição desse conhecimento. Articulando assim a ideia de formação, nesse capítulo é evidenciada a presença da filosofia nietzschiana. O

1 Michele Porfírio da Silva é professora da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo.

autor relata a construção do sujeito como não linear nem homogênea, não tendo um caminho ou uma receita a ser seguida para traçar o que se é.

A segunda parte intitulada como “A experiência da leitura”, busca a partir dos pensamentos de Peter Handke analisar e redefinir os termos experiência e liberdade confronta com a presença existente na leitura a questão do controle pedagógico e da sua relação com a formação e a transformação daquilo que somos. Para Larrosa a leitura deve ser inquietante e não asseguradora. Uma vez sendo segura traz a tona pensamentos já construídos, o que limita o leitor.

Já a terceira seção: “Figuras do porvir”, trata das condições e possibilidades que a educação como figura do porvir, escape da fabricação do futuro e dos indivíduos, podendo, portanto, tornar-se compatível com um porvir novo e imprevisível. É uma parte mais instigante por conduz o leitor pelos meandros dos conceitos pré-estabelecidos, como discurso pedagógico, realidade, infância, educação e estudo, para contrapor a eles uma visão diferenciada. Assim a pedagogia proposta por Jorge Larrosa está vincada por este viés libertário e emancipador, que é a plena essência da educação que se preocupa com o porvir.

Larrosa deixa claro em sua obra sua posição em relação a autonomia do sujeito, onde na educação se apresenta como um processo de alteridade: o aluno é o Outro que olha a nós, educadores, interrogativamente, propondo uma relação de diferenças e não de submissão a imagens que lhe atribuímos como uma autodefesa.

As alegorias e metáforas se sucedem numa frase que ora tem o ritmo e o fôlego da fala oral, ora se derrama como num tratado filosófico, ora envereda pelas trilhas da ficção e dos jogos verbais, fazendo o leitor descobrir as múltiplas faces das palavras e os infinitos efeitos de sentido que o escritor pode retirar como efeito da quebra da exposição mecânica e tradicional do pensamento.

REFERÊNCIAS

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*: danças, piruetas e mascaradas. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.